

Participação de monitores em um curso de extensão em língua inglesa: contribuições para o desenvolvimento de habilidades comunicativas e interpessoais de futuros engenheiros

André Pereira Feitosa¹
Maria Elizabete Villela Santiago²

¹ Leciona Língua Inglesa e Metodologia Científica da Pesquisa na Universidade Federal de Itajubá, campus Itabira. E-mail: andrefeitosa@unifei.edu.br

INTRODUÇÃO

A comunicação, seja escrita ou oral, é elemento essencial para a construção do conhecimento tanto empírico como teórico. Tal conhecimento serve como portão de acesso à integração dos indivíduos como cidadãos ativos na sociedade. Desta forma, ficam excluídos, ou incapacitados de plena atuação, os que têm acesso limitado ao conhecimento.

² Leciona Língua Inglesa e Metodologia Científica da Pesquisa na Universidade Federal de Itajubá, campus Itabira. E-mail: elizabetesantiago@unifei.edu.br

Outro elemento que serve como facilitador ou complicador na relação indivíduo e conhecimento é o fato de, por fatores históricos e socioeconômicos, grande parte das informações que circulam nos contextos acadêmico e profissional estar em inglês. Em relação ao contexto acadêmico, a língua inglesa está cada vez mais presente na pesquisa e produção de artigos, livros, material publicado na Internet e manuais de equipamentos; nas interações online, como fóruns de discussões, e presenciais, como intercâmbios; nos processos seletivos para um programa de estágio e na continuação da formação acadêmica no mestrado e doutorado. Ao adentrar o mercado de trabalho, o profissional que se comunica em inglês se posiciona com vantagem em relação aos demais na apresentação de seu currículo, nas provas de seleção e na entrevista de emprego. Além disso, após sua contratação, são várias as situações em que se torna necessário o uso da língua inglesa, a saber: reuniões com estrangeiros, visitas técnicas, obtenção de informações sobre equipamentos em manuais e viagens internacionais. Portanto, pode-se afirmar que o desenvolvimento de habilidades comunicativas, escritas e orais, em língua inglesa, é altamente importante na formação de futuros profissionais podendo, inclusive, incluir indivíduos menos favorecidos na sociedade.

Além da capacidade de comunicar-se de forma escrita e oral em Língua Inglesa, têm sido exigidas dos engenheiros outras competências que extrapolam o conhecimento técnico, como as interpessoais. As habilidades de relacionar-se com diferentes tipos de indivíduos em diversas situações, bem como as de liderança são, cada vez mais, valorizadas tanto nos processos seletivos como nas progressões de carreira dos profissionais de engenharia.

O surgimento de novas competências leva à imprescindibilidade de uma reformulação dos programas de formação dos futuros engenheiros. Assim, busca-se executar papel social da universidade como capacitadora de cidadãos não somente pelas atividades de ensino, mas, também, pelas de extensão universitária, que ao envolver a comunidade externa promovem uma relação de contínua colaboração entre a Instituição e a Sociedade, tornando possível o aprimoramento de ambos (UNIVERSIDADE FEDERAL DE ITAJUBÁ, [200-?]).

Com o intuito de capacitar tantos os discentes da Universidade como os membros da comunidade externa, foi criado um curso de extensão de Língua Inglesa direcionado para os níveis iniciante a intermediário em módulos semestrais com carga horária de 40h. O projeto envolveu os monitores da disciplina Comunicação e Expressão que ministraram as aulas sob a orientação dos professores de Língua Inglesa da instituição, autores deste relato. Tal curso pautou-se na abordagem comunicativa, inspirada nas teorias linguística de Noam Chomsky, de psicologia cognitiva de Jean Piaget e no socioconstrutivismo de Lev Vygótsky e Reuven Feurstein, buscando, assim, formar aprendizes independentes e conscientes do seu processo de aprendizagem bem como desenvolver habilidades comunicativas.

O projeto também tem o intuito de desenvolver habilidades comunicativas e interpessoais dos monitores que atuam nos cursos. O presente relato apresenta as contribuições da atividade para a formação desses futuros engenheiros.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nesta seção, pretende-se discutir os fatores que elevaram a língua inglesa aos status de *língua franca* bem como os princípios fundamentais da abordagem comunicativa e do socioconstrutivismo.

O Inglês como Língua Franca nos contextos acadêmico e profissional

Para melhor compreensão das razões que elevaram a língua inglesa ao status de *língua franca* tanto no meio acadêmico e tecnológico como nas transações empresariais, é necessário conhecer alguns fatores históricos e socioeconômicos. O posicionamento da Inglaterra como potência mundial durante os séculos VXI e VXII e a Revolução Industrial no século XVIII contribuíram para a disseminação e o fortalecimento da Língua Inglesa. De acordo com Crystal,

[como] a maioria das inovações da Revolução Industrial foi de origem britânica: aproveitamento do carvão, água e vapor para operar maquinário pesado; o desenvolvimento de novos materiais, técnicas e equipamentos em uma grande fatia das indústrias e o surgimento de novos meios de transporte, [...] a nova terminologia dos avanços tecnológicos e científicos tiveram um impacto imediato na língua, adicionando dezenas de milhares de palavras ao dicionário de inglês. Mas, o mais importante, é o fato que essas inovações saindo de um país falante de inglês significavam que aqueles de outros países que desejassem aprender sobre elas precisariam aprender inglês – e aprender bem – se quisessem se beneficiar do conhecimento (2003, p. 80, tradução nossa).

Assim, a língua inglesa se torna *língua franca* para transmissão de conhecimento científico e tecnológico.

A Guerra dos Sete Anos, contra a França, e a Guerra da Secessão Americana, seguida na independência dos Estados Unidos da América dão início à decadência do Império Britânico (CHAVES, [200-?]). O século XX, com duas guer-

ras mundiais que assolam a Europa, presencia o deslocamento do poderio econômico para os Estados Unidos, que, em 2004, possuía 25% do PIB mundial, cerca de 11,7 trilhões de dólares, abrigando 60% das maiores empresas em valor de mercado no início do século XXI, e sendo responsáveis por aproximadamente 20% das importações mundiais (UOL EDUCAÇÃO, ca. 1996-2011). A supremacia econômica norte-americana aliada a sua preponderância político-militar faz com que o país tenha poder nas decisões tomadas pela Organização das Nações Unidas (ONU), Fundo Monetário Internacional (FMI) e o Banco Mundial. Desta forma, a língua inglesa, que se tornou o veículo de transmissão de conhecimento, especialmente em relação ao desenvolvimento tecnológico e científico, ocupa também lugar de destaque nas negociações políticas e econômicas (CRYSTAL, 2003).

Os fatores descritos nesta seção traçam os caminhos que levaram a língua inglesa a ser a *lingua franca* nos contextos acadêmico e profissional, como meio de divulgação e troca de informações e também de interações transacionais.

Abordagem comunicativa e o socioconstrutivismo

A abordagem comunicativa no ensino de idiomas tem como principal característica a preocupação com os aspectos funcionais da língua, ou seja, para que esta é usada em um determinado contexto, juntamente com sua estrutura gramatical (LITTLEWOOD, 1981). Desta forma, valoriza-se a competência comunicativa em detrimento da memorização de regras gramaticais. Ainda mais, há uma preocupação com as interações sociais que

[...] demandam dos aprendizes uma atenção maior aos significados sociais e funcionais que a língua transmite. O que também significa que as atividades se aproximam mais do tipo de situação comunicativa encontrada fora da sala de aula, onde a língua não é somente um instrumento funcional, mas também uma forma de comportamento social. (LITTLEWOOD, 1981, p. 43, tradução nossa)

Assim, torna-se imprescindível instrumentalizar os alunos com estratégias que lhes permitam calibrar variáveis linguísticas, como, por exemplo, o nível de formalidade empregado, para que suas interações sejam adequadas ao contexto onde ocorrem.

Considerando que a abordagem comunicativa, como o próprio nome indica, valoriza a comunicação, que só pode ocorrer mediante interações, faz-se necessário o apoio de uma teoria de aprendizagem que se pautar na natureza social da língua. A teoria socioconstrutivista, que tem como principais representantes os psicólogos Lev Vygotsky (1980; 1988; 1997) e Reuven Feuerstein (FUEURSTEIN; FUEURSTEIN; FALIK, 2010), é baseada no princípio que o ser humano nasce em um mundo social e, portanto, constrói seu conhecimento e cria sua percepção do mundo através das interações com os outros seres humanos (WILLIAMS; BURDEN, 1997). Desta forma, o papel do professor deixa de ser o do transmissor de conhecimentos, que transfere sua sabedoria para os discípulos, e passa a ser o do mediador que constrói o conhecimento juntamente com seus alunos, aproveitando e valorizando a bagagem cultural e intelectual que eles trazem. Um exemplo de como o socioconstrutivismo é aplicado no ensino de idiomas é a maneira como o uso

e forma da língua são apresentados de maneira a extrair dos alunos as conclusões em cima da análise e discussões de situações comunicativas. Tais conclusões são, então, com a mediação do professor, transformadas em teoria, como no caso das regras gramaticais e não o contrário, onde tais regras são apresentadas, fora de um contexto, para memorização e uso também descontextualizado. Acredita-se, portanto, que “aprendemos uma língua pelo uso da mesma para interagir significativamente com outras pessoas” (WILLIANS; BURDEN, 1997, p. 39, tradução nossa).

Desta forma, comunicação e língua, seja esta materna ou estrangeira, formam uma relação bidirecional, pois as interações comunicativas, ao mesmo tempo em que motivam o desenvolvimento linguístico, tornam-se mais eficientes à medida que as competências linguísticas evoluem. Portanto, a execução de tarefas que demandam interações como a construção colaborativa do conhecimento, as negociações e o trabalho em equipe, tendência cada vez mais presente na engenharia, depende do uso apropriado da língua como ferramenta de comunicação. Assim, a experiência relatada neste texto é uma ação que busca beneficiar tanto os alunos atendidos pelo projeto, como os monitores nele envolvidos, promovendo progresso em suas habilidades comunicativas e interacionais.

METODOLOGIA

O objetivo deste relato é apresentar as contribuições da participação dos monitores no curso de extensão em Língua Inglesa² para sua formação profissional e sua futura atuação como engenheiros. Para tal, foi elaborado um questionário (Quadro 1) para estabelecer o perfil acadêmico dos onze (11) participantes (período e curso), sua experiência como professores de inglês e a autoavaliação de sua participação no curso de extensão. Os dados obtidos foram coletados em agosto de 2013 e, portanto, refletem a realidade até aquele momento.

² O programa do curso envolveu funções comunicativas englobando estrutura gramatical e vocabulário equivalentes aos níveis básico e intermediário da língua inglesa, focando situações do cotidiano profissional.

Quadro 1. Questionário enviado para os monitores.

Nome	
Curso	
Período	
Há quanto tempo você está lecionando no curso de extensão?	
Você possuía alguma experiência como professor(a) anterior à sua participação no projeto?	
SIM	NAO
Você já lecionou inglês antes?	
SIM	NAO
Por quanto tempo e onde você lecionou inglês?	
O que você trouxe de sua experiência prévia para suas aulas no curso de extensão?	
Você se deparou com algum tópico ou situação de sala de aula (disciplina, uso de equipamentos, etc.) para a qual não se sentiu preparado? Descreva o problema e como lidou com ele.	
Para a preparação das aulas, houve algum tópico para o qual você precisou pesquisar por não ter conhecimento suficiente? Qual?	
Você acredita que evoluiu com a experiência? Por quê?	
Qual(is) das opções abaixo ilustram as habilidades que você desenvolveu? Conhecimento da Língua inglesa, didática, oratória, relações interpessoais, manuseio de equipamentos, organização, liderança, solução de problemas, outros (quais?).	
Neste espaço escreva seus comentários, sugestões, críticas e/ou dúvidas.	

RESULTADOS

Os onze monitores envolvidos no projeto entre 2011 e julho de 2013 cursavam Engenharia de Materiais (4), Engenharia da Computação (2), Engenharia de Controle e Automação (2), Engenharia de Saúde e Segurança (2) e Engenharia de Produção (1), distribuídos entre o 1º. e 6º. períodos. Um monitor havia atuado no

curso por três semestres, cinco monitores por dois semestres e cinco por um semestre³. Apenas quatro monitores tinham experiência prévia em ensino (Figura 1), sendo que, entre estes, três haviam ensinado inglês em escolas de idiomas ou como professor particular por um período entre seis meses e dois anos.

³ Os semestres letivos duraram cerca de 4 meses com carga horária de 40h/aula.



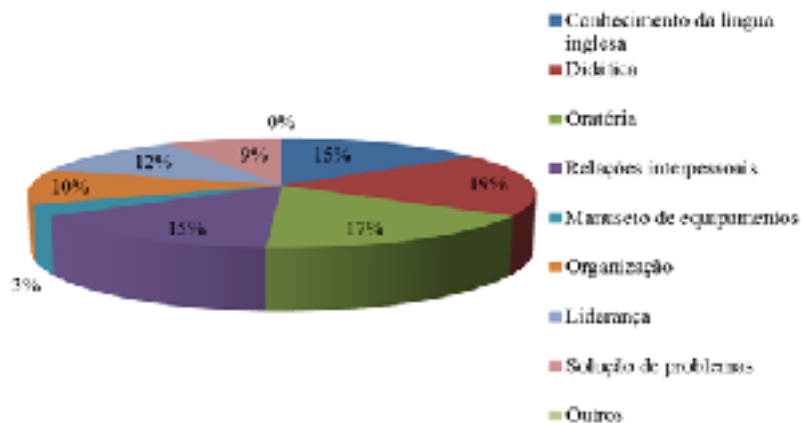
Figura 1. Experiência prévia dos monitores em ensino. Fonte: Pesquisa dos Autores deste trabalho.

A experiência prévia em ensino de inglês contribuiu para a prática dos monitores, segundo os mesmos, nos fatores didática, gerenciamento da sala de aula, planejamento de atividades, avaliações e fluência no idioma.

Quando indagados sobre a experiência no curso de extensão, todos os participantes elencaram como suas principais dificuldades as escolhas dos procedimentos didáticos e os tópicos não dominados por eles, problemas que tentaram solucionar por meio de pesquisa e troca de experiências com os colegas e os professores coordenadores do projeto, desenvolvendo, portanto, sua proatividade e as relações interpessoais – habilidades importantes para o exercício de sua futura profissão. Os respondentes ainda afirmaram ter evoluído durante sua atuação no curso de extensão, considerando a didática, a oratória, o conhecimento da língua inglesa e as relações interpessoais como os itens com maior ganho (Figura 2).

Em relação ao primeiro item, i.e., a didática, as atividades desenvolvidas em sala de aula focando o processo comunicativo significativo, nas interações e na atuação como mediadores (VYGOSTKY, 1980; 1988; 1997) colaboraram para melhorar as relações dos monitores com os colegas e professores, tornando suas interlocuções mais objetivas e eficazes. Os respondentes também alegaram ter melhorado sua autoconfiança, principalmente em relação a apresentações em público e reconheceram que tal habilidade é essencial em uma profissão que demanda negociação e apresentação de resultados para parceiros e superiores. O aperfeiçoamento dos conhecimentos em língua inglesa, ocorrido por meio da preparação das atividades e das trocas com os alunos e colegas, torna-se proveitoso para os monitores ao capacitá-los para um mercado de trabalho globalizado, no qual a *língua franca* continua sendo a inglesa. Finalmente, o aprimoramento das relações interpessoais concorre para capacitar os futuros engenheiros para executar trabalhos em equipe como também para promover seu contínuo desenvolvimento (FUEURSTEIN; FUEURSTEIN; FALIK, 2010).

Figura 2. Habilidades dos monitores desenvolvidas pela participação no curso de extensão. Fonte: Pesquisa dos Autores deste trabalho.



CONCLUSÃO

A proposta do curso de extensão em língua inglesa visa proporcionar aos graduandos em engenharia o desenvolvimento das habilidades comunicativas segundo determinação do Conselho Nacional de Educação (2002). Tal objetivo, somado ao aprimoramento das relações interpessoais e de outras competências como organização, liderança, solução de problemas e manuseio de equipamentos de áudio e vídeo, favorecem a formação do engenheiro como indivíduo inserido e atuante em seu meio. Vale ressaltar que a construção do conhecimento e o aprimoramento das habilidades supracitadas ocorreram devido às interações entre os monitores, seus alunos e os professores coordenadores do projeto. Desta forma, o projeto teve como base para sua execução os pressupostos sociocontrutivistas (VYGOTSKY, 1980; 1988; 1997; FUEURSTEIN; FUEURSTEIN; FALIK, 2010) não somente durante as aulas de inglês, mas também no aprendizado dos monitores.

A análise das respostas dos monitores envolvidos demonstra a evolução dos mesmos durante sua participação no curso de extensão. Portanto, tal iniciativa provou ser válida como contribuição para a formação dos futuros engenheiros e cidadãos. Finalmente, ressalta-se a importância de práticas que ultrapassem o conhecimento técnico e preparem os discentes para interagir de forma plena no seu contexto profissional.

REFERÊNCIAS

ANGELO, Vitor Amarin. Absolutismo na Inglaterra. **UOL Educação**. [S.I.], 2010. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/historia/absolutismo-na-inglaterra-modelo-mesclou-centralizacao-politica-e-controle-do-parlamento.jhtm>>. Acesso em: 15 maio 2011.

CHAVES, Lázaro Curvêlo. Capitalismo Monopolista, Imperialismo e Neocolonialismo. **Cultura brasileira**. [S.I.], [200-?]. Disponível em: <<http://www.culturabrasil.pro.br/neocolonialismo.htm>>. Acesso: 15 maio 2011.

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. Resolução CNE/CES 11, de 11 de março de 2002. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES112002.pdf>>. Acesso em: 10 maio 2013.

CRYSTAL, David. **English as a global language**. 2nd ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

FEUERSTEIN, Reuven; FEUERSTEIN, Rafael; FALIK, Louis. **Beyond Smarter: Mediated Learning and the Brain's Capacity for Change**. Nova York: Teachers Publish Press, 2010.

GEO MUNDO. **A supremacia norte americana**, [S.I.], c2004. Disponível em: <<http://www.geomundo.com.br/geografia-30124.htm>>. Acesso: 15 maio 2011.

LITTLEWOOD, William. **Communicative language teaching: an introduction**. Cambridge: Cambridge University Press, 1981.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **PNAES**. Brasília, c2011. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=607&id=12302&option=com_content&view=article>. Acesso em: 30 set. 2011.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ITAJUBÁ. Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária. **APRCEU**. Itajubá, [200-?]. Disponível em: <<http://www.funifei.edu.br/prceu>>. Acesso em: 28 set. 2011.

UOL EDUCAÇÃO. História Geral. **Independência dos EUA: A falência do regime colonial na América**. São Paulo, c1996-2011. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/historia/independencia-dos-eua-a-falencia-do-regime-colonial-na-america.jhtm>>. Acesso em: 15 maio 2011.

VIGOTSKY, Lev. **Mind in Society: The Development of Higher Psychological Processes**. 14 ed. Cambridge: Harvard University Press, 1980.

_____. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone, 1988.

_____. **Educational Psychology**. Boca Raton: CRC, 1997.

WILLIAMS, Marion; BURDEN, Robert. **Psychology for language teachers: a social constructivist approach**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

COMO CITAR ESTE RELATO:

FEITOSA, André Pereira; SANTIAGO, Maria Elizabete Villela. Participação de monitores em um curso de extensão em língua inglesa: contribuições para o desenvolvimento de habilidades comunicativas e interpessoais de futuros engenheiros. **Extramuros**, Petrolina-PE, v. 1, n. 2, p. 85-91, ago./dez. 2013. Disponível em: <informar endereço da página eletrônica consultada>. Acesso em: informar a data do acesso.